



Violência além das cusparadas

Renato Morgado

A história de nosso País é atravessada pela violência política. De forma alguma isso é novidade. Basta um resgate histórico sobre como o Estado e os donos do poder sempre reprimiram (e reprimem) movimentos sociais, ou a análise de estatísticas recentes de assassinatos de ativistas políticos.

Em nossa história, o que predomina é "tiro, porrada e bomba" como método de "resolução" dos conflitos sociais, inclusive nos períodos democráticos.

Invasão portuguesa, massacre dos índios, escravidão negra, repressão das revoltas no período colonial, no Império e no início da República, Ditaduras, massacres contemporâneos, como Carajás, Candelária, Carandiru, Pinheirinho, tortura de ontem e de hoje, violência policial contra manifestantes, contra pobres, dentre tantos outros.

A novidade é que alguns tipos de violência política entraram na pauta de discussão pública, motivadas pela disseminação de imagens de violência policial contra manifestantes, que antes eram timidamente veiculadas nos grandes meios de comunicação, e a volta de alguns absurdos, como a agressão a pessoas pela cor da roupa.

A oportunidade, sempre presente nas crises como a

Temos que avançar para um patamar democrático no qual o debate (...) seja instrumento para a intermediação das diferenças e dos conflitos

que vivemos, é a de refutarmos os vários tipos de violência política, incluindo:

- Agressão física ou verbal a quem pensa diferente.
- Criminalização de movimentos sociais e de pensamentos políticos.
- Violência policial contra manifestantes.
- Assassinato de ativistas políticos.
- Apologia à tortura e a torturadores

Algumas são óbvias, mas precisam ser reforçadas já que ainda não atingimos um padrão mínimo de convívio democrático e para que alguns tipos de violência não nos escandalizem, enquanto a agressão e a morte de pessoas que defendem seus direitos e seus ideais sejam ignoradas.

Temos que avançar para um patamar democrático no qual o debate, o bom funcionamento das instituições, a plena garantia de direitos, o processo de participação e de escolha de representantes sejam os instrumentos para a intermediação das diferenças e dos conflitos. Democracia não implica na ausência

de conflitos, mas na resolução dos mesmos dentro de padrões civilizados e coletivamente pactuados.

Que as cusparadas não aconteçam, mas que Carajás, Pinheirinhos, Carandirus e Candelárias jamais se repitam! Que a violência política vire um triste capítulo de nossos livros de história!

Renato Morgado é Renato Morgado é gestor ambiental (Esalq/USP) e especialista em democracia participativa (UFMG).

